
EDITORIAL

Neste número, a revista Geopantanal apresenta um total de 10 artigos, sendo um deles um artigo convidado pelos editores. Trata-se do artigo “Povos Indígenas do Cerrado Brasileiro: Investigação-Ação-Participativa e Sustentabilidade Territorial e Sociocultural”. Este trabalho traz uma contribuição vital e urgentíssima para o debate socioambiental. Ele joga luz sobre os povos originários do Cerrado, bioma crucial que, paradoxalmente, é um dos mais devastados do país, vítima do avanço da fronteira agropecuária. A abordagem do estudo é o que o torna singular e potente: ao adotar a Investigação-Ação-Participativa (IAP), ele coloca o protagonismo indígena no centro da pesquisa. Não se trata de um olhar externo sobre essas comunidades, mas de uma escuta profunda e de uma coprodução de conhecimento que visa diretamente à sua sustentabilidade e autonomia.

O artigo convidado investiga os impactos cruéis que ameaçam a vida, o território e a cultura de 83 povos que habitam as 216 Terras Indígenas do Cerrado. Mais do que diagnosticar problemas, a pesquisa se fundamenta no trabalho de campo e no diálogo direto para buscar caminhos de resistência e sustentabilidade. Portanto, este não

é apenas um artigo acadêmico; é um instrumento de luta e resiliência, que ressoa profundamente com o tema central desta edição ao ampliar nosso olhar para além do Pantanal, conectando-se com a luta pela preservação de biomas e culturas em todo o Brasil. É com enorme satisfação que recebemos este trabalho, que não apenas enriquece nossa discussão, mas também eleva o compromisso social e político desta publicação.

Este número da revista Geopantanal também reúne nove artigos de fluxo contínuo que, em conjunto, oferecem um mosaico rico e complexo sobre as dinâmicas socioambientais, culturais e econômicas do Centro-Oeste brasileiro e além, com especial foco na região fronteira e no Bioma Pantanal.

Abrimos esta discussão com o estudo *“Research Status and Trends in the Pantanal”*, que oferece um panorama macro do conhecimento científico produzido sobre o Pantanal. Este mapeamento bibliométrico é a porta de entrada ideal, contextualizando a importância global deste ecossistema e apontando as tendências e lacunas que os demais artigos ajudam a preencher.

Em seguida, adentramos na realidade local com dois trabalhos que exploram a relação entre homem e natureza. O artigo *“Estrada Parque Pantanal”* demonstra como uma infraestrutura se tornou vetor de desenvolvimento econômico para as comunidades do entorno, enquanto o artigo *“Turismo dos Pequenos no Rio Paraguai”* mergulha na economia do turismo de pequena escala em Corumbá, revelando sua adaptação às cheias e vazantes do rio.

O conceito de fronteira é então teorizado pelo artigo *“A Condição Fronteira”*, que fornece as lentes pelas quais podemos observar os fenômenos sociais dos artigos seguintes. Na prática, essa condição se manifesta de forma vibrante no artigo *“A Cultura como Instrumento de Política Pública”*, que analisa como um festival cultural fortalece a identidade e a integração sul-americana na fronteira Brasil-Bolívia. O mesmo palco geográfico, porém, revela também seus desafios, como expõe o artigo *“A Convivência Familiar da Criança Migrante”*, ao tratar dos delicados fluxos migratórios de crianças indocumentadas e a garantia de seus direitos.

Completando o eixo educacional e social, o artigo *“Educação Física na Fronteira”* avalia os desafios e as memórias do ensino dessa

disciplina na região, oferecendo uma reflexão necessária sobre a qualidade da educação formal.

Ampliando o escopo geográfico, o artigo “Produção Artesanal Feminina” estabelece um diálogo comparativo fascinante entre as experiências de mulheres artesãs do Juazeiro do Norte (CE) e do Río Branco (Uruguai), demonstrando que questões de gênero, economia criativa e identidade transcendem as fronteiras pantaneiras.

Por fim, fechamos esta edição olhando para o futuro e para a resiliência urbana com o artigo “Parque das Timbaúbas”. O estudo apresenta um argumento persuasivo, como a infraestrutura verde é uma estratégia crucial para cidades do semiárido enfrentarem as mudanças climáticas, promovendo conforto ambiental e se tornando ‘cidades esponja’.

Juntos, estes artigos não apenas contribuem individualmente para suas respectivas áreas, mas tecem, em conjunto, uma narrativa coerente e urgente sobre a vida, os desafios e as oportunidades em regiões de singular importância para o país. Convidamos o leitor a percorrer este fio condutor e descobrir as múltiplas camadas que compõem esta fascinante realidade.

Para encerrar esta edição, apresentamos uma contribuição que amplia e aprofunda a reflexão sobre as dinâmicas fronteiriças e o papel do Estado: a resenha do livro “O Programa Bolsa Família e a questão social em um território de fronteira”, de Denise Rissato (2022), assinada por Gonçalves Francisca de Oliveira Martta. A resenha nos guia por uma análise crítica e necessária sobre os limites e as possibilidades das políticas de transferência de renda em um contexto singular: o da Tríplice Fronteira (Argentina-Brasil-Paraguai), tomando a cidade de Foz do Iguaçu como estudo de caso. O trabalho de Rissato, resenhado por Martta, demonstra como a pobreza em regiões de fronteira é agravada por particularidades únicas, como a mobilidade transnacional da população, a informalidade laboral estrutural e os desafios burocráticos para acessar políticas públicas nacionais.

A discussão dialoga diretamente com vários artigos desta edição. Assim como os estudos que exploram Corumbá, a análise de Foz do Iguaçu revela como o Estado pode, paradoxalmente, fomentar a concentração de pobreza em um território — seja através de um empreendimento como a Usina de Itaipu, seja pela incapacidade de políticas

universais de assistência. A persistência do trabalho infantojuvenil e da economia informal, mesmo na vigência do Bolsa Família, ecoa os desafios sociais apresentados em outros textos.

A resenha destaca a tese central de Rissato: embora crucial para o alívio imediato da miséria, o PBF sozinho é insuficiente para superar a pobreza multidimensional, que é um problema estrutural. Essa conclusão reforça a noção, perpassada em vários artigos desta revista, de que soluções para os desafios fronteiriços e socioambientais exigem abordagens integradas que vão além de intervenções pontuais.

Incluir esta resenha não apenas enriquece nosso debate acadêmico, mas também insere a discussão específica dos artigos em um quadro mais amplo de crítica às políticas sociais focalistas e à necessidade de um Estado presente e efetivo no combate às desigualdades. É uma leitura fundamental para compreender a complexidade da questão social nas fronteiras brasileiras.

A foto da capa deste número da revista foi uma cortesia do professor Sidney Kuerten, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Esta imagem, capturada na Estrada Parque Pantanal em pleno julho de 2025, vai além do registro: ela encapsula a paradoxal essência do bioma. No auge da seca, uma comitiva de gado avança, desenhando silhuetas sobre a terra firme, enquanto manchas de água teimosamente persistem, refletindo o céu infinito. São as lagoas resilientes, os refúgios aquáticos que garantem a vida até a próxima cheia.

Como bem disse o poeta Manoel de Barros, “O Pantanal é um chão cheio de águas. É uma paisagem que se refaz no espelho das cheias e das secas.” Esta cena materializa sua poesia: fala de um ritmo ancestral e da sabedoria de existir em harmonia com o ciclo das águas — um ciclo de abundância e escassez, de cheias que nutrem e secas que revelam.

Esta fotografia ecoa profundamente os artigos desta edição que discutem o turismo adaptativo (“Apontamentos sobre o turismo dos pequenos no Rio Paraguai em Corumbá-MS”), o desenvolvimento local (“Estrada Parque Pantanal e a sua importância para os moradores do seu entorno”) e a identidade cultural (“A cultura como instrumento de política pública de integração e fortalecimento da identidade sul-americana”). Assim como o gado e a água coexistem na paisagem, os trabalhos aqui publicados buscam entender a complexa e fascinante

interação entre o homem, a cultura e os ecossistemas únicos do Pantanal e de suas fronteiras.

A presença do gado e das águas remanescentes, mesmo na seca, é um testemunho da vida que persiste e se adapta — tal qual a força dos pantaneiros e das comunidades que tornam esta região um eterno recomeço.

Desejamos a todos uma boa leitura.

Edgar Aparecido da Costa
Hudson de Azevedo Macedo